

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v17i33.19653>

PAISAGENS LITERÁRIAS: UM CONCEITO PARA O ESTUDO DA LITERATURA DE TERROR AMBIENTADA NO SERTÃO NORDESTINO

Fabiana Alves Dantas

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

E-mail: fabiana.dantas03@gmail.com

Resumo

O artigo trata da contribuição do conceito de paisagens literárias para o estudo da literatura de terror ambientada no sertão nordestino, no âmbito da história cultural. Para isso, utiliza-se o suporte teórico de Jean-Marc Besse (2014) acerca dos estudos sobre paisagem nas humanidades, além de Michel Collot (2013) no que se refere ao conceito de paisagens literárias, realizando-se um exercício de seu uso na análise do conto “Brenda e a estrada amarela”, de Filipe Falcão (2021). Conclui-se que discutir as paisagens sertanejas apresentadas na literatura de terror contribui para compreender a origem e persistência de determinadas noções acerca desse espaço, o que pode gerar contribuições significativas para o debate sobre as relações entre história e literatura.

Palavras-chave: Literatura; Paisagens; Sertão.

LITERARY LANDSCAPES: A CONCEPT FOR THE STUDY OF HORROR LITERATURE SET IN THE SERTÃO FROM NORTHEAST

Abstract

The article deals with the contribution of the concept of literary landscapes to the study of horror literature set in the sertão from the northeast region, within the scope of cultural history. For this, we use the theoretical support of Jean-Marc Besse (2014) regarding studies on landscape in the humanities, in addition to Michel Collot (2013) regarding the concept of literary landscapes, carrying out an exercise in its use in the analysis of the short story “Brenda e a estrada amarela”, by Filipe Falcão (2021). It is concluded that discussing the landscapes of sertão presented in horror literature contributes to understanding the origin and persistence of certain notions about this space, which can generate significant contributions within the debate on the relationships between history and literature.

Keywords: Literature; Landscapes; Sertão.

O sertão simbólico

O sertão, além de recorte geográfico, é também um recorte simbólico (NEVES, 2003). Considerando o debate existente acerca da historicidade deste termo no Brasil, vê-se a impossibilidade de compreender esse recorte como algo natural, mas sim algo produzido historicamente pela ação humana, como é o caso de todo espaço que, longe de surgir espontaneamente, é elaborado a partir de diferentes meios, inclusive discursivamente (Certeau, 1998).

Sabe-se, conforme a historiografia sobre o tema, que, no caso do sertão nordestino, este foi objeto de um processo elaboração imagético-discursiva no século XX, com o qual a própria região Nordeste foi inventada, como aponta Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) em seu trabalho *A invenção do Nordeste e outras artes*. Para esse autor, as definições a respeito do Nordeste e do sertão como espaços da saudade, associados à noção de tradição, foram feitas com base na propagação de discursos no âmbito político e de produções culturais – principalmente nesse segundo plano, com obras produzidas por filhos de uma elite regional saudosista em relação aos tempos em que suas famílias detinham mais influência política –. Essa propagação tornou ambos os conceitos muito próximos, quase sinônimos. A partir daí inventou-se uma identidade nordestina que nasceu entre o fim da década de 1910 e os anos 1920, produto do entrecruzamento entre práticas e discursos regionalistas. Com isso, o Nordeste deixou de ser apenas a área seca do que antes era chamado de “Norte” para tornar-se uma “identidade racial, econômica, social e cultural à parte” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 342).

Levando isso em conta compreende-se que, para entender a história do sertão nordestino, são relevantes as fontes referentes ao imaginário em seu entorno. A literatura é uma das linguagens por meio das quais os historiadores podem perscrutar esse tema. Os estudos sobre a literatura regionalista dos anos 1930, por exemplo, mostram o peso que essas produções tiveram na disseminação de noções sobre Nordeste e sertão (Albuquerque Júnior, 2011; Cândido, 1989; Fernandes, 2012). Partindo disso, propõe-se neste artigo uma reflexão conceitual acerca da contribuição do conceito de paisagens literárias para entender como as narrativas literárias podem produzir imagens desse recorte espacial, criando ou reforçando determinadas noções sobre ele. Esta discussão é feita direcionando atenção especialmente

para o gênero terror que, conforme defende-se neste artigo, apresenta produções relevantes para a compreensão do imaginário sobre o sertão.

Para abordar o tema, inicia-se com algumas considerações acerca das relações entre história e literatura. Na sequência, discute-se o conceito de paisagem e sua relevância no campo das humanidades – especialmente a História –, além do conceito de paisagens literárias, buscando identificar a relevância de analisar as paisagens sertanejas no gênero terror. Realiza-se ainda um exercício de uso do conceito abordado para analisar do conto “Brenda e a estrada amarela”, do escritor pernambucano Filipe Falcão, publicado em 2021.

Entre a história e a literatura

Já não é novidade que a literatura é uma área de pesquisa frutífera para a História, tendo em vista a sua relevância, como fonte e objeto, para a compreensão do imaginário – conjunto de imagens – de uma sociedade, o que se relaciona com a esfera da cultura. Por isso, as relações entre história e literatura constituem um campo relevante no âmbito da história cultural. Conforme a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2013), as fontes literárias estão relacionadas ao real e permitem identificar muitas questões referentes às relações humanas em uma determinada época, permitindo

o acesso à uma sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver as sensibilidades, perfis e valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. O que é recorrente em uma época, o que escandaliza o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido (Pesavento, 2013, p. 82-83).

As narrativas ficcionais se caracterizam pela intenção de transformar esteticamente o mundo e criar um objeto artístico, com um fim ético-estético (Arruda, 2013). Para isso, o escritor ficcional se aproxima do real porque mesmo que “a trama seja, em si, criação absoluta do autor, busca atingir este efeito de apresentar uma versão também plausível e convincente” (Pesavento, 2000, p. 57). A ficção pode apresentar “situações que foram muito comuns à época em que o livro se passa, ou ainda personagens baseados em uma ou várias pessoas que de fato viveram” (Martins & Cainelli, 2015, p. 3892).

Nessa área de pesquisa, o conceito de representação tem considerável espaço. Para o historiador francês Roger Chartier (1988), é importante estudar a cultura em sua relação com o social, já que a história cultural objetiva “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 1988, p. 16-17). As representações são entendidas por ele como percepções do social “sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” e que “estão sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (Chartier, 1988, p. 17).

Essa perspectiva é um caminho interessante para o estudo da literatura no âmbito da história cultural, pois permite identificar noções elaboradas e disseminadas por meio de produções culturais. No entanto, pode-se, a partir do contato com o pensamento de pesquisadores de outras áreas, encontrar-se outras possibilidades. Afinal, como será demonstrado, a literatura pode não somente representar o real, mas também produzi-lo, como feito no processo de elaboração de uma identidade nordestina conforme o que já se comentou neste texto a respeito do que indica o trabalho de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011). É em razão disso que se propõe o uso do conceito de paisagens literárias, discutido adiante, para que se entenda como um escritor que produz narrativas literárias pode elaborar paisagens que passam a fazer parte do imaginário de uma sociedade.

O conceito de Paisagem no campo da História

Inicialmente, é fundamental ter em conta a mudança no conceito clássico atribuído acerca do entendimento de paisagem. Tal conceito costumava se referir a algo construído pelo olhar; entretanto, atualmente, ele é compreendido como uma construção que se dá a partir da articulação dos cinco sentidos, possuindo uma dimensão sinestésica e afetiva:

Apesar da primazia que a tradição ocidental confere à visão, a paisagem não poderia se reduzir a um puro espetáculo. Ela se oferece igualmente aos outros sentidos, e tem relação com o sujeito inteiro, corpo e alma. Não apenas se dá a ver, mas também a sentir e a ressentir. Na paisagem, distância se mede pelo ouvido e pelo olfato, conforme a intensidade dos ruídos, segundo a circulação dos fluidos aéreos e dos eflúvios, e a proximidade se experimenta na qualidade tátil de um contorno, no aveludado de uma luz, no sabor de um colorido. Todas essas sensações comunicam-se entre si por sinestesia e suscitam emoções, despertam sentimentos e acordam

lembranças, tal como o canto do melro do parque de Montboissier e o perfume das flores caro a Obermann (COLLOT, 2013, p. 69-70).

Assim, a experiência da paisagem é hoje compreendida como algo mais complexo do que apenas em relação à visão:

A experiência da paisagem não é, portanto, unicamente visual, e o próprio panorama comporta uma parte de invisibilidade cujo limite é marcado pelo horizonte, e que convida a preencher as lacunas do olhar pelo trabalho da imaginação ou pelo impulso do movimento. Longe de ficar estática como uma imagem, a paisagem é um espaço a percorrer, a pé, num veículo ou em sonho (Collot, 2013, p. 70).

Na obra *O gosto do mundo: exercícios de paisagem* Jean-Marc Besse (2014) aponta que os estudos sobre esse tema constituem um campo interdisciplinar. O autor ressalta a paisagem como uma perspectiva nova para questões ligadas ao projeto urbano e à concepção da cidade de modo geral, destacando-a como recurso para estratégias de ordenamento do espaço em diferentes escalas e as preocupações sociais e políticas com a qualidade dos quadros de vida oferecidos à população no que se refere a identidade dos lugares, governança dos territórios e proteção dos meios naturais (Besse, 2014, p. 7). Para ele, pode-se falar em uma “nova cultura de paisagem”, o que diz respeito a “novas formas de experiência do espaço, da sociedade e da natureza e, no mínimo, a novas aspirações coletivas relativas ao meio ambiente” (Besse, 2014, p. 8). Assim, o autor se interroga sobre “as consequências dessa ampliação do campo dos objetos paisagísticos não só sobre a legibilidade das paisagens, mas também sobre o próprio conteúdo do conceito de paisagem e sobre as práticas paisagísticas” (Besse, 2014, p. 8-9).

No âmbito específico das humanidades, onde se insere a História, Jean-Marc Besse (2014) entende que a paisagem é estudada como uma representação cultural e social, ou seja, “ponto de vista, modo de pensar e de perceber, principalmente como uma dimensão da vida mental do ser humano (...) relativa ao que os homens pensam dela, ao que percebem dela e ao que dizem dela” (Besse, 2014, p. 12-13). Para estudar o assunto a partir dessa perspectiva, ele indica a necessidade de fazer-se o “estudo de uma forma de pensamento ou de percepção ‘subjéctiva’ e, mais geralmente, uma expressão humana informada por códigos culturais determinados (discursos, valores etc.)” (Besse, 2014, p. 14). A mudança no conceito de paisagem nesse âmbito também é observada por ele, que indica que, por muito tempo, esse conceito foi estudado e designado como representação artística, principalmente pictórica (Besse, 2014, p. 15). Ao entender a paisagem como representação cultural, o autor também indica que ela pode ser entendida como coletiva e/ou individual, sem rejeitar o ponto de vista

estético – mas nesse caso questionando seu valor e função dentro de uma cultura –. Por fim, também é feito o alerta de que o pesquisador deve se preocupar com as relações, em diferentes épocas da cultura, entre o surgimento de novos objetos paisagísticos e a definição de novos valores e normas paisagísticas, que são estéticas, mas também material e técnica.

Isto posto, vê-se que existe nas considerações de Jean-Marc Besse (2014) a indicação de um caminho para estudar a paisagem no âmbito da cultura. Uma história cultural voltada para esse tema na literatura encontra no conceito de paisagens literárias um suporte teórico importante para compreender como, nos textos literários, paisagens também são elaboradas.

O conceito de paisagens literárias em Michel Collot

O conceito de paisagens literárias é tema discutido pelo especialista em Literatura Michel Collot na obra *Poética e filosofia da paisagem*, publicada no Brasil em 2013. Ele defende que o estudo das paisagens nas obras literárias não se trata de “realizar um passeio à procura dos lugares evocados pelos poetas”; trata-se, na verdade, de considerar “seus textos em si como imagens dessas regiões, que constroem, a cada vez, uma paisagem exemplar e singular” (Collot, 2013, p. 74).

As múltiplas dimensões ocultas da paisagem encontram expressão privilegiada nos textos literários porque, seja ela empiricamente existente ou uma criação ficcional, os pesquisadores devem entendê-la como produto de uma narrativa baseada em escolhas a respeito de como um determinado espaço será descrito no texto. Desse modo, para se trabalhar com o conceito de paisagens literárias, é essencial reconhecer o sensível da linguagem como um elemento importante na experiência humana de elaboração paisagística. Levando em conta o que Michel Collot escreve em outra obra, *A matéria -emoção*, publicada no Brasil em 2018, vê-se que, no pensamento deste autor, existe uma relação muito próxima entre a linguagem e as experiências sensíveis do escritor, de modo que as palavras não as representam; são, na verdade, a emoção tomando forma:

a emoção está também relacionada a um horizonte, que transborda o sujeito, mas pelo qual se exprime. Ela é o lado afetivo desta relação com o mundo que me parece constitutiva da experiência poética. No entanto, ainda mais que o horizonte, a emoção escapa à representação, e somente pode tomar forma por meio de uma

matéria que é, ao mesmo tempo, a do corpo, a do mundo e a das palavras (Collot, 2018, p. 13-14).

Como a elaboração das paisagens por um escritor envolvem a complexidade de sua experiência sensível, a emoção, que pode vir de seu interior ou de um encontro exterior, acaba assumindo um papel importante quanto a isso, já que ela está associada à sua abertura ao mundo:

Minha hipótese é que a emoção, longe de fechar o poeta na esfera da subjetividade, constitui um modo de abertura ao mundo. Certamente, não é “objetiva”, mas também não é irracional; a emoção repousa em uma outra lógica, diferente da do terceiro excluído, e propõe uma outra abordagem do objeto. Ela pode, então, tornar-se uma fonte de criação artística ou intelectual (Collot, 2018, p. 19-20).

Tais afirmações de Collot (2018) são relevantes porque colocam em evidência uma troca entre o sujeito e o objeto que “repugna a mente ocidental, formada por toda uma tradição filosófica que distingue o sensível do inteligível, e a *res extensa* da *res cogitans*” (Collot, 2018, p. 26). Seguindo essa linha de pensamento, compreende-se a relevância de adotar um novo tipo de racionalidade a partir da necessidade humana de reatar as dimensões do sensível e do inteligível. A paisagem deve ser entendida como relacional, ou seja, sem a separação do pensamento, do espaço e da linguagem. Por isso, os textos literários, de quaisquer gêneros, mostram que essa elaboração não se trata apenas de um procedimento social, econômico e político; há também investimentos em “significações e valores tanto coletivos como individuais, todo um imaginário ao qual a ficção e a poesia podem dar sua plena expressão” (Collot, 2013, p. 20).

Desse modo, entende-se paisagem como fenômeno e considera-se em seu estudo a relevância do fator da percepção – mas não só ele, pois, como já dito anteriormente, trata-se de uma experiência complexa que envolve todos os sentidos –. Em todo caso, é importante considerar que o olhar do escritor a transforma, o que torna as paisagens literárias mais que representação, mas também um espaço de sua criação: “um fenômeno que não é nem uma pura representação, nem uma simples presença, mas o produto do encontro entre o mundo e um ponto de vista” (Collot, 2013, p. 22).

Assim sendo, é necessário que a paisagem seja compreendida historicamente, porque mesmo que ela esteja centrada no ponto de vista de um sujeito específico, ela está, inevitavelmente, situada em um espaço e em um devir coletivos. Para isso, ao estudá-la, deve-se “esboçar o quadro social, intelectual e cultural no qual se pôde desenvolver uma consciência da paisagem

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 17, n. 33, jul. - dez. 2023
ISSN: 1982 -193X

de que a literatura e a poesia são apenas uma das expressões” (Collot, 2013, p. 72). Em razão disso, as paisagens literárias devem ser analisadas levando em conta que elas partem da experiência sensível do escritor, enquanto sujeito situado em um determinado espaço e em uma determinada época:

Falar da paisagem a propósito de um escritor pressupõe, em primeiro lugar, que a criação literária tenha alguma coisa a ver com o visível, e, mais comumente, com a experiência sensível. Tanto quanto as representações culturais, a percepção constrói a paisagem; investindo o sensível de um sentido próprio a um sujeito, é, desde já, uma forma de expressão e de criação (Collot, 2013, p. 77-78).

Vê-se, portanto, que, no pensamento de Michel Collot (2013), a criação da paisagem na literatura leva em conta o contexto histórico no qual se insere o escritor que a elabora a partir de uma experiência complexa em relação ao espaço, seja ele um espaço empiricamente existente, seja ele uma criação ficcional. Por isso, o conceito de paisagens literárias pode ser útil para investigar como o recorte espacial do sertão nordestino tem sido experienciado e descrito no âmbito da literatura. Na sequência, discute-se porque considera-se o gênero terror relevante quanto a isso.

Paisagens sertanejas como cenário de narrativas de terror

Considerando-se a invenção de uma identidade espacial do sertão nordestino associada à ideia de tradição e atraso disseminada por meio de produções culturais (Albuquerque Júnior, 2011), ressalta-se a importância de atentar às continuidades e rupturas com relação a essas noções. Como mostram pesquisas recentes como as de Daniela Santos de Farias (2019) e Liudmila Aleksandra de Medeiros (2017), esse recorte continua sendo objeto de atenção de artistas cujos trabalhos contribuem para o reforço ou contestação dessa identidade.

Vê-se então que produções culturais atuais podem ser investigadas para analisar quais noções têm sido difundidas a respeito dos sertões. Uma fonte promissora para isso é a literatura de terror ambientada no sertão nordestino. Esse gênero é caracterizado, em suma, pela intenção de provocar a emoção do medo nos leitores, conforme pode-se observar nas definições apresentadas em ensaios publicados originalmente em 1945 e 1981, respectivamente, pelos escritores Howard Phillips Lovecraft e Stephen King: terror como uma atmosfera “sufocante e inexplicável ante forças externas ignotas” (Lovecraft, 1987, p. 12-13) que precisa estar

presente na narrativa; e terror entendido como a emoção gerada no leitor por meio do processo de imaginação desencadeado pelo que a narrativa lhe sugere (King, 2012). Algumas obras publicadas recentemente podem ser citadas como exemplos de narrativas do gênero que buscam alcançar tal objetivo apresentando histórias de terror: *Rio Morto*, de Décio Gomes (2015); *O Capeta-Caolho contra a Besta-Fera*, de Everaldo Rodrigues (2018); *A Estrada Amarela*, de Filipe Falcão (2021); *Gótico Nordestino*, de Cristhiano Aguiar (2022); e, de Márcio Benjamin, *Maldito Sertão* (2012), *Fome* (2016), *Agouro* (2019) e *Sina* (2022).

Por meio de revisão bibliográfica verifica-se que os trabalhos existentes sobre a literatura de terror que aborda os sertões têm sido produzidos especialmente no campo dos estudos literários. Abordando obras de terror publicadas em diferentes épocas, esses trabalhos discutem aspectos associados a conceitos como os de insólito, gótico e sublime (Silva, 2013; Castro, 2015; Castro, 2017) nas narrativas estudadas e ressaltam alguns pontos importantes a serem considerados, tais como a marginalização da literatura de terror na historiografia literária brasileira, dada uma ênfase desta em obras fruto da observação em detrimento daquelas focadas na imaginação (Castro, 2017, p. 65). Também tendem a corroborar a interpretação de que tais narrativas assumem uma relação com o contexto histórico de sua produção, entendendo-as como um questionamento da realidade feito por meio da ficção.

Como exemplo disso, Alexandre Meireles da Silva (2013), ao estudar a obra de Bernardo Élis, faz apontamentos interessantes sobre a presença da fenomenologia insólita em obras regionalistas produzidas por escritores que, no contexto do Estado Novo, “construíram um sertão insólito marginalizado pelo discurso progressista de um Brasil que ansiava em se modernizar nos moldes europeus e enxergava no sertão brasileiro e nos seres que o povoavam um indesejado espelho de sua própria identidade” (Silva, 2013, p. 102). Para ele, “o sertão desafia categorizações e definições simplistas, constituindo-se, desta forma, no lócus do irracional e do mistério habitado por figuras despóticas, esqueletos, criaturas monstruosas e mulheres fatais” (Silva, 2013, p. 102), de modo que, nesse tipo de narrativa, ele aparece como um espaço “regido por uma realidade insólita povoada de homens insólitos” (Silva, 2013, p. 102). Já Hélder Brinate Castro defende a existência de uma “estética gótica regionalista/sertanista especificamente nacional” (Castro, 2017, p. 74). Para este autor, enquanto a literatura regionalista da década de 1930 focava em apresentar a “realidade” sertaneja, outros escritores, como Coelho Neto, focalizado em seu estudo, em razão da oposição do sertão aos ideais de modernidade, associaram-no a uma estética gótica com as

características de transgressão das “leis morais e naturais, em que o passado retorna ao presente, excedendo a razão ao direcionar-se à imaginação e à emoção” (Castro, 2017, p. 66).

Percebe-se, a partir desses exemplos, que as narrativas de terror, apesar de explorarem a imaginação, revelam muito do contexto social e do momento histórico nos quais são produzidas. A literatura que aborda elementos fantásticos é definida, inclusive, considerando uma relação entre real e imaginário, conforme argumenta Tzvetan Todorov em *Introdução à Literatura Fantástica*. Pode-se identificar, assim, a existência de uma função social como, por exemplo, falar do que a censura não permite que se fale na realidade (Todorov, 2012), encetando nesse diálogo entre real e imaginário “uma fronteira repleta de subversão” (Silva, 2014, p. 5).

No ensaio *Dança Macabra*, Stephen King (2012) aborda o “arquétipo do lugar ruim”, presente em muitas histórias de terror. Essa questão é interessante para o estudo das paisagens literárias porque trata-se da ambientação de uma história que gira em torno de um espaço dotado de características específicas, as quais o escritor narra buscando gerar a emoção do medo no leitor. Para obter esse efeito na narrativa, ele deve levar em conta a necessidade de realizar uma descrição verossímil, motivo pelo qual “a história de casas mal-assombradas exige um contexto histórico” (King, 2012, p. 259). Como visto com Michel Collot (2013), a experiência sensível do escritor é relevante em tal tarefa. Assim, a criação de uma paisagem associada ao “lugar ruim” possui bases históricas e a sensibilidade do escritor em relação ao espaço dirá o que faz esse lugar provocar o medo. Por isso, entende-se que analisar as paisagens sertanejas na literatura de terror envolve perscrutar experiências relacionadas com as noções difundidas sobre esse espaço.

Um exercício de análise das paisagens sertanejas no conto “Brenda e a estrada amarela”

Filipe Falcão é jornalista e doutor em comunicação, nascido em Recife, capital do estado de Pernambuco. É autor de *A Estrada Amarela*, livro de contos ambientados no sertão pernambucano, publicado em 2021. “Brenda e a estrada amarela” é o primeiro conto apresentado nessa obra, narrando a história de uma advogada recifense que, ao viajar pelo sertão pernambucano, vivencia uma experiência misteriosa em uma estrada distante, a qual é

descrita como quase toda de barro, um caminho secundário em uma região isolada depois do município de Floresta.

O nome da região não é informado propositalmente, indicando-se que, se aquele lugar tinha nome, possivelmente ninguém lembraria qual era. Tal descrição, apresentada logo na primeira página, indica a intenção de passar ao leitor a impressão de tratar-se de um lugar isolado, à parte do mundo “civilizado” das grandes e modernas cidades.

Brenda dirigia apressada, ansiosa para sair dali, embora sem deixar de enxergar certa beleza na paisagem com a qual se deparava enquanto dirigia. O pôr do sol é descrito como digno do sertão pernambucano e ela decide parar rapidamente para fotografá-lo, apesar de uma aflição em relação a ausência de movimentação na estrada. Ao seguir seu caminho, ela vê uma casa de aspecto pobre com uma senhora idosa sentada em uma cadeira de balanço no alpendre, além de uma pequena e velha igreja mais à frente, perto de onde o pneu do carro estraga. A moça precisa pedir ajuda, afinal, o sinal do seu celular não funciona nesse sertão onde tudo é quieto e rudimentar. Ao se aproximar da igreja, que descobre estar abandonada, a paisagem é mórbida: lápides ao ser entorno e tudo que consegue enxergar no interior do templo pelo buraco da fechadura é humilde, inclusive a imagem de Cristo crucificado encarando-a.

Já anoitecendo, Brenda estava sozinha e incomodada pela ausência de qualquer vestígio de presença humana naquela estrada. Decide voltar caminhando à casa que vira pouco antes para buscar ajuda. No caminho, não deixa de se admirar com o céu estrelado em meio a um silêncio que tornava a noite sertaneja diferente das noites em Recife. A paisagem sertaneja é descrita em comparação com as grandes cidades, diferenciando-se o sertão como espaço onde tudo é desértico, isolado e os elementos da natureza se destacam.

A iluminação, diferente do sol ardente que a moça vê à tarde, quase não existia à noite. Ao chegar à casa, não sem antes levar um susto ao se deparar com uma cabeça de bode em estado de decomposição enquanto caminhava, a jovem identifica pelas frestas da porta que a pouca luz que ali havia deveria estar vindo de uma vela, lampião ou candeeiro. Novamente, observa-se que os elementos associados à ideia de modernidade não existem no sertão dessa narrativa.

Ao atender a porta, depois de alguma resistência, a idosa que morava na casa aceita abrigar Brenda até o dia seguinte. Ao passar a noite ali, a jovem se assusta com elementos macabros existentes na humilde residência, como uma parede cheia de molduras com desenhos de

rostos e um quarto repleto de objetos inusitados, entre eles, um corpo de santo pintado de preto com uma cabeça de bode empalhada, imagens de anjos sem rostos, bonecas velhas e potes que armazenavam o que pareciam ser órgãos ou pedaços de carne. Ao ser repreendida pela dona da casa e um homem que, inesperadamente, aparece acompanhando-a, Brenda sai correndo e escapa até o carro, voltando a dirigir, mesmo com o pneu danificado. O conto termina com a jovem refletindo sobre o cenário de pobreza e abandono observado por ela em um sertão que ela só consegue deixar para trás fisicamente, pois ele se torna constante em seus pensamentos após o retorno para Recife. O sertão, para ela, torna-se sinônimo de mistério.

Assim, observa-se nas paisagens elaboradas por Filipe Falcão em “Brenda e a estrada amarela” um sertão que, ao mesmo tempo, encanta e assombra. Se, de um lado, tem-se o amarelo do sol que, durante o dia, confere ao espaço uma beleza singular em relação à paisagem urbana recifense à qual a protagonista está acostumada, por outro, ela teme o que pode haver nesse lugar distante e isolado, especialmente quando a noite chega e a estrada torna-se, além de escura, repleta de elementos que ela considera macabros.

É significativo que a experiência de admiração e medo em relação às paisagens sertanejas nesse conto seja vivenciada por uma personagem de fora, no caso, uma jovem de Recife. O sertão é, para ela, um outro, um estranho. Sendo o autor um recifense que afirma ter uma relação especial com esse espaço, é possível inferir que as emoções de Brenda quanto à admiração e temor em relação ao sertão representem a experiência emocional do próprio criador da personagem. Afirma-se isso porque, em entrevistas, quando questionado sobre a escolha de ambientar suas narrativas de terror no espaço sertanejo (EUSÉBIO, 2021; FIGUEIRÔA, 2021), o autor enfatiza seu apreço pelo sertão pernambucano, abordando-o ao criar histórias que se passam em casas isoladas ou cidades pequenas. Em uma entrevista concedida à Yuri Eusébio para a *Folha de Pernambuco* por ocasião do lançamento de *A Estrada Amarela*, ele afirma:

Todos os personagens deste livro moram ou estão em trânsito pelo sertão. Apesar de ser recifense, sempre tive um respeito e um carinho muito especial pelo sertão e seus moradores. Uma região castigada pela seca, é verdade, mas dona de um visual único e que preencheria facilmente as páginas de um livro de poesia. Lembrei das estradas do sertão pelas quais eu próprio já transitei como pontes para histórias aguardando personagens (Falcão *Apud* Eusébio, 2021, não paginado).

Neste trecho observa-se a atenção do autor para com as paisagens sertanejas empiricamente existentes, destacando-se sua experiência em relação a estas e a intenção de transformá-las em cenário de suas narrativas em *A Estrada Amarela*. Suas observações são feitas com base na comparação em relação a outro espaço no qual vive, nesse caso, Recife. Assim, observa-se uma atribuição de sentido que parte do estranhamento de alguém de fora, resultando no intuito de elaborar o sertão como paisagem literária.

Por sinal, tal noção do sertão como um lugar dotado de características especiais em comparação a outros lugares – especialmente o litoral – é identificada por Antonio Carlos Robert Moraes (2003) no pensamento social brasileiro. Em razão disso, ele defende que o sertão, como uma realidade simbólica, tem sido compreendido historicamente como um “outro geográfico”:

Para existir o sertão é necessária a existência de lugares que não sejam englobados nessa denominação, que apresentem condições que expressem o oposto do qualificado por tal noção. Daí ela sempre se apresentar numa formulação dualista, como parte de uma realidade vista como cindida e, na qual a condição sertaneja ocupa a posição negativa ou subordinada. A dualidade mais repetida no pensamento social brasileiro opõe o sertão ao litoral, tomando o primeiro termo como sinônimo de hinterlândia, cobrindo, portanto, todo o vasto interior do território nacional (Moraes, 2003, p. 3).

Vê-se pelo exposto que a oposição entre o sertão como espaço atrasado em relação à modernidade da cidade ainda persiste em produções culturais. No sertão experienciado por Brenda no conto aqui analisado, tudo é atraso, como se o tempo não tivesse passado. É isso que gera a noção de que ele oferece perigo aos visitantes de fora, como a protagonista de “Brenda e a estrada amarela”.

Considerações finais

O tema da paisagem tem ganhado espaço em estudos da área de humanidades, incluindo a História. Conforme argumentou-se neste artigo, nesse âmbito, o conceito de paisagens literárias pode gerar contribuições interessantes para os estudos que versam sobre as relações entre história e literatura, ajudando a desvelar a historicidade envolvida na elaboração de paisagens em textos literários, sejam elas empiricamente existentes ou imaginárias.

No que se refere à ideia de abordar esse conceito no estudo da literatura de terror ambientada no sertão nordestino, viu-se com o exercício de análise do conto “Brenda e a estrada amarela” que obras recentes desse gênero podem ser investigadas a partir do conceito de paisagens literárias, no intuito de problematizar as noções que elas disseminam sobre esse recorte. Como apontado, a análise das paisagens sertanejas nesse conto indica a concepção de sertão como espaço que, apesar de apresentar uma beleza que encanta, também provoca medo pelos aspectos de isolamento e atraso, reforçando uma identidade historicamente construída que opõe um sertão atrasado à cidade moderna.

Assim sendo, enfatiza-se a pertinência de que, na esfera da história cultural, o gênero terror seja uma fonte utilizada para entender os sentidos que, historicamente, têm sido atribuídos ao sertão, seja o nordestino ou as demais áreas do Brasil assim identificadas.

Referências

AGUIAR, Cristhiano. **Gótico Nordestino**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2022.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ARRUDA, Fábio Luiz. Duas formas de narrar: a representação histórica e literária. **Fronteiras**, Dourados, v. 15, n. 26, p. 79-92, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/2685> . Acesso em: 21 fev. 2020.

BENJAMIN, Márcio. **Maldito Sertão**. Juiz de Fora: Siano, 2012.

BENJAMIN, Márcio. **Fome**. Natal: Jovens Escribas, 2016.

BENJAMIN, Márcio. **Agouro**. Natal: Escribas, 2019.

BENJAMIN, Márcio. **Sina**. Itapevi: DarkSide, 2022.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a Cultura. In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987. p. 181-198.

CASTRO, Hélder Brinate. Entre árvores e sangue: a natureza sublime do sertão. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS EM NARRATIVA, 5, 2015, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: EDUFU, 2016. v. 2, p. 1-10. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdocena/wpcontent/uploads/2016/01/H%C3%A9lder-Brinate-Castro.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.

CASTRO, Hélder Brinate. A Praga do Sertão: aspectos do gótico em Coelho Neto. In: SILVA, Alexander Meireles da et al. **Estudos do Gótico**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017. p. 65-74.

CERTEAU, Michel de. Relatos de Espaço. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 199-217.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

COLLOT, Michel. **A matéria-emoção**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018.

EUZÉBIO, Yuri. "A Estrada Amarela" é novo livro de contos de Filipe Falcão: livro reúne 11 contos fantásticos e de mistérios, ambientadas em diferentes cidades do sertão de Pernambuco. 2021. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/a-estrada-amarela-e-novo-livro-de-contos-de-filipe-falcao/188068/>. Acesso em: 10 set. 2023.

FALCÃO, Filipe. **A Estrada Amarela**. Belo Horizonte: Estronho, 2021.

FARIAS, Daniela Santos de. **Sertão, Seca, Sertanejo**. 2019. 440 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/182395>. Acesso em: 28 dez. 2019.

FERNANDES, Telma Dias. História, Cotidianidade e Literatura. **Saeculum**, João Pessoa, n. 27, p. 215-228, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/16439>. Acesso em: 01 set. 2022.

FIGUEIRÔA, Alexandre. **Um papo com Filipe Falcão, autor de A Estrada Amarela: “Muitas vezes falta representatividade nos personagens de histórias de terror”**. 2021.

Disponível em: <https://revistaogrito.com/um-papo-com-filipe-falcao-autor-de-a-estrada-amarela-muitas-vezes-falta-representatividade-nos-personagens-de-historias-de-terror/> .

Acesso em: 10 set. 2023.

GOMES, Décio. **Rio Morto**. [s.l.]: Amazon, 2015.

KING, Stephen. **Dança macabra: o terror no cinema e na literatura dissecado pelo mestre do gênero**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural na literatura**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; CAINELLI, Marlene Rosa. O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 7, 2015, Maringá. **Anais[...]**. Maringá: UEM, 2015. p. 3889 - 3901. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MEDEIROS, Liudmila Aleksandra de. **Representações de um "Sertão Sangrento"**. 2017. 53 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/36652> . Acesso em: 13 jan. 2023.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O sertão: um "outro" geográfico. **Terra Brasilis: Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica**, Niterói, v. 4, n. 4, p. 1-8, 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabilis/341> . Acesso em: 12 jan. 2023.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como Recorte Espacial e como Imaginário Cultural. **Politeia: História e Sociedade, Vitória da Conquista**, v. 3, n. 1, p.153-162, mai. 2003. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3940>. Acesso em: 28 dez. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. **Revista de História das Ideias**, Coimbra, v. 21, n. 1, p.33-57, jan./dez. 2000. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/41745/1/Fronteiras_da_ficcao.pdf. Acesso em: 11 fev. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RODRIGUES, Everaldo. **O Capeta-Caolho contra a Besta-Fera**. Joinville: Clube de Autores, 2018.

SILVA, Alexander Meireles da. O sertão brasileiro como espaço do gótico em "O caso inexplicável da orelha de Lolô", de Bernardo Lélis. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, Londrina, v. 26, n. 26, p. 95-104, dez. 2013. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroixa/g_pdf/vol26/TR26h.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.

SILVA, Gisele Antônia. **O espaço do insólito na literatura brasileira: um estudo dos contos "Os Cavalinhos de Platiplanto" e "Onde Andam os Dindangos" de José J. Veiga**. 2014. 15 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2014. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/508/o/Gisele_Antonia_da_Silva.pdf. Acesso em: 13 jan. 2023.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Recebido em 2023-09-13

Aprovado em 2023-12-03

Publicado em 2023- 12 -30